

# As agruras do *cyberbullying*: memória e discurso

*Suzana de Souza KLAS*<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Maria

*Vania Maria Lescano GUERRA*<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Maria

**Resumo:** Este trabalho problematiza o uso das novas tecnologias digitais, tomadas como práticas discursivas entre sujeitos, especialmente no que tange ao Sexting, que consiste no envio de mensagens (texto ou imagem) com conteúdo sexual. Por se dar em um ambiente virtual e se tratar de uma temática nova, essa prática constitui importante fonte de pesquisa no tocante ao estudo das relações sociais. Para isso, contamos com as contribuições de teóricos da Linguística Aplicada (TAKAKI, 2012; MENEZES DE SOUZA, 2011), numa visada discursiva que recorre ao suporte metodológico dos estudos de Foucault (2014), no que concerne à problematização das regras, dos contextos nos quais os discursos são produzidos e interpretados. A partir da análise de um vídeo disponível na internet, deixado pela adolescente canadense Amanda Todd, procuramos demonstrar que o uso das novas tecnologias surge como prática facilitadora da exposição do sujeito e das manifestações agressivas (*bullying e cyberbullying*), que perpassam as questões culturais e de sexualidade; e que, muitas vezes, acarretam graves consequências.

**Palavras-chave:** Discurso; Tecnologia; Bullying; Linguagem.

**Abstract:** The aim of this abstract is to question the use of new digital technologies, taken as discursive practices of subjects, especially with regard to Sexting, which consists of sending messages (text or image) with sexual content. As it takes place in a virtual environment and it is a new subject, this practice is an import-

---

1 Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

2 Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Doutora em Linguística pela UNESP de Araraquara.

ant source of research regarding the study of social relations. From the analysis of a video on the Internet, left for the Canadian teen Amanda Todd, we sought to demonstrate that the use of new technologies emerges as a facilitator practice of the subject's exposure that comes to shorten the boundaries between public and private spaces, passing cultural questions and sexuality, as well as the effects of this use that often have serious consequences. For that, we wrote our conclusions based on the theoretical contributions of discursive perspective, using the methodological support in Foucault's studies (2014), regarding the questioning of the rules, the contexts in which discourses are produced and interpreted.

**Keywords:** Discourse;Technology;Bullying; Language.

## Introdução

O objetivo deste artigo é problematizar os diversos usos das chamadas novas tecnologias, especialmente como facilitadoras na disseminação de comportamentos agressivos entre pessoas, num fenômeno conhecido como *cyberbullying*, bem como discutir os aspectos relacionados à linguagem e às construções de sentidos. Somado a isso, há o interesse em examinar a exposição do sujeito no que tange à sexualidade.

Elegemos um vídeo disponível no Youtube como material para análise neste artigo, a partir do qual exploraremos as discursividades de Amanda (autora, narradora e personagem principal do vídeo), que suscitam possibilidades interpretativas sobre os diversos usos das tecnologias, sobre a maneira com que lidamos com a sexualidade e a cultura do individualismo que promove prazer a alguns em detrimento do bem estar de outros.

Os sujeitos de pesquisa são concebidos como colaboradores no processo de construção de conhecimento e nas relações de poder (TAKAKI, 2012; MENEZES DE SOUZA, 2011). Assim, este trabalho não pretende encontrar consenso, tampouco procedimentos unidimensionais entre os sujeitos analisados; buscou-se um encontro de diferenças de atitudes, posicionamentos e autoria nas escolhas, tendo em vista que as identidades são contingentes e construídas pelo trabalho performativo, constituindo-se num processo historicizado e múltiplo.

Com base na Linguística Aplicada, a partir da visada discursiva, buscamos interpretar o(s) discurso(s) constituído(s) nos dados de pesquisa compostos por “recortes” da escrita virtual, aqui concebidos conforme a proposta de

Orlandi (1987: 139): o recorte consiste em “unidade discursiva, fragmento correlacionado de linguagem e situação”.

Na visada discursiva, numa ótica transdisciplinar, trazemos considerações sobre a memória e a formação imaginária, a partir dos estudos de Pêcheux (1975, 2011) e Mariani (1988), que também subsidiaram o processo analítico deste texto. Buscamos, neste trabalho, desvelar a construção dos efeitos de sentido do discurso e, assim, buscar os efeitos de verdade que emergem da opacidade do discurso travestida pela aparente neutralidade e transparência, para, desse modo, mostrar a configuração discursiva da representação identitária que a escritura de si constrói acerca da exclusão no bojo da internet. Segundo Foucault (2002), a correspondência tem um sentido complementar: escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. Para nós, esses textos funcionam como a carta, que é, simultaneamente, um olhar que se volta para o destinatário, já que este se sente olhado por meio da missiva que recebe, e uma maneira de o remetente se oferecer ao olhar pelo que diz, fundando uma reciprocidade baseada no olhar e no exame.

De acordo com Foucault (1990), discurso e poder se inter-relacionam, de modo que as relações de poder permeiam a produção do discurso. Assim, para o filósofo, o poder surge como questão metodológica. O poder não se localiza em instituições como o Estado; não é algo que um indivíduo cede ao soberano; o poder é, antes, uma relação de forças e, como tal, está em todas as partes, ou seja, o poder atravessa todas as relações pessoais e sociais, de modo que uma pessoa não pode ser considerada fora dessas relações de poder.

Foucault (2005) chama de arquivo a soma de todos os discursos possíveis, sem estabelecer nenhuma hierarquia de valores, apenas buscando as regularidades do discurso. É sobre esse arquivo que a arqueologia deve incidir. O método arqueológico investiga a natureza do poder na sociedade a partir dos discursos produzidos na sociedade numa dada época. Para o filósofo, interessam os discursos sobre a psiquiatria, a medicina e o direito, saberes cuja natureza rejeita qualquer tentativa de unificação da memória coletiva, da linearidade histórica. Ao contrário, ele busca na descontinuidade e na dispersão os fundamentos de sua pesquisa.

Os avanços tecnológicos nos últimos anos vêm acarretando uma série de modificações sociais, e, cada vez mais, há necessidade de adaptação dos indivíduos frente ao «novo». Como afirma Santaella (2003: 94), “qualquer coisa armazenada em forma digital pode ser acessada em qualquer tempo e em qualquer ordem. A não linearidade é uma propriedade do mundo digital. Nele, não há começo, meio e fim». Isso demonstra que a interação na Internet, embora seja perpassada pela

linguagem, segue regras próprias de funcionamento, já que apresenta características particulares no tocante ao tempo e ao espaço.

O ambiente virtual é marcado pela heterogeneidade, uma vez que há o encontro de sujeitos advindos de diferentes posições histórico-culturais. Essas diferenças, muitas vezes, são originárias de conflitos. Uma situação bastante frequente, especialmente nas redes sociais, como *Facebook*, é a ocorrência de ofensas e xingamentos, que marcam preconceitos e práticas de exclusão. Sabemos que essa problemática está presente no cotidiano dos sujeitos e é bastante observada, também, nos contextos escolares; contudo, acentua-se no ambiente virtual em virtude de a pessoa se esconder atrás de um avatar, da facilidade de difusão dessas informações, dentre outros. Avatar é uma imagem usada por usuários de redes sociais para representá-los; podem ser fotos ou imagens aleatórias.

Até mesmo no ambiente virtual, não se pode desprezar a necessidade de se estabelecer regras para que haja ordem em uma sociedade, numa visão de disciplina como algo positivo e não somente repressivo. Para Foucault, a disciplina “adestra as multidões confusas, móveis [...] ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 1999: 143). Nesse sentido, o poder disciplinar atua como regulador de discursos e práticas. A sexualidade não escapa a essa condição: também funciona a partir de regras, que podem se modificar, uma vez que estão imbricadas no contexto que as determina. Atualmente, o exercício da sexualidade se vê atravessado pelas tecnologias, o que é algo relativamente novo e ainda em adaptação. Quando afirmamos ser novo, referimo-nos ao fato de que as tecnologias têm evoluído e desembocam em situações diferentes daquelas de 20 ou 30 anos atrás, exigindo adaptações dos sujeitos.

## 2- Aspectos contextualizadores da pesquisa

A contemporaneidade traz consigo alterações na vida dos sujeitos, que vão se adaptando e se modificando de acordo com o contexto no qual se inserem, bem como em função dos recursos disponíveis a cada momento. Observamos, por vezes inconformados, a crescente dificuldade de relacionamento interpessoal que assola nossa sociedade, a partir de práticas de violência e opressão de/por seus membros. Ao encontro dessa realidade, constatamos o *bullying*, que diz respeito aos atos intencionais de violência física e/ou psicológica dirigidos a um indivíduo; e que corrobora a interpretação de que os sujeitos vão se adaptando aos novos recursos, fazendo surgir o *cyberbullying*, que é a prática de agressões por meio de recursos digitais. Silva (2010) explora essas manifestações, demonstrando o quão significativa pode ser a violência na vida de um sujeito.



Para o presente estudo, elegemos o caso de Amanda Todd, bastante divulgado no ambiente cibernético, que permite explorar, a partir de sua materialidade linguística, diversas manifestações agressivas e de exclusão. Amanda se tornou um símbolo da luta contra o *bullying* após cometer suicídio, aproximadamente um mês depois de publicar um vídeo num canal do *Youtube* contando a sua história. Resumidamente, Amanda tinha em torno de 12 anos quando iniciou suas conversas com um rapaz que conheceu pela Internet. Em certa ocasião, ele pediu que ela mostrasse os seios pela *webcam*, e ela aceitou. Nesse momento, constatamos a prática de *sexting*, que diz respeito ao envio de mensagens, por meio de tecnologias de comunicação, que possuem expressão sexual. Tempos depois, passou a ser chantageada e perseguida por esse rapaz; este gravou sua imagem desnuda e, não satisfeito, expôs a imagem de Amanda em uma rede social.

Esse episódio a abalou profundamente; exposta e envergonhada, fez uma tentativa (fracassada) de suicídio com a ingestão de alvejante. Mesmo depois dessa demonstração de desespero, o “amigo virtual” continuou a chantageá-la. Amanda relata ter sido vítima de *bullying/cyberbullying* e revela que essa situação a conduziu a um processo de depressão e ansiedade, agravado pela automutilação e pelo abuso de álcool e drogas. Aos 15 anos, um mês após publicar sua versão dos fatos, Amanda cometeu suicídio. Seu vídeo, em que faz um desabafo sobre algumas experiências de sua vida, encontra-se divulgado na Internet.

Com o intuito de pensar em manifestações agressivas que envolvem os recursos tecnológicos, tão difundidos atualmente, pautamo-nos na materialidade linguística expressa no vídeo de Amanda, para empreender gestos interpretativos ancorados nas condições de produção que envolvem o caso de *(cyber)bullying*. Ressaltamos que o fato de o caso Amanda ter sido bastante divulgado e ter percorrido diversos países, nos impele a pensar que há muitos sujeitos que se identificam com Amanda porque também se encontram em situação de exclusão.

É inegável que o mundo globalizado não é homogêneo, visto que aproxima diversos povos, o que deixa mais exposta a heterogeneidade e a hibridização das culturas e das sociedades. Isso vale não apenas para a vida cotidiana, mas, potencialmente, para o ambiente virtual. Nesse sentido, entendemos que

se todas as partes envolvidas nos conflitos tentassem ler criticamente suas posturas, procurando compreender suas próprias posições e as de seus adversários, há a esperança de transformar confrontos violentos e sangrentos (MENEZES DE SOUZA, 2011: 128).



Nessa esteira, embora essa postura pareça anódina ou utópica, é possível ser desenvolvida. Explicamos: não se trata de desconsiderar diferenças, mas, sim, de aprender a conviver com elas (TAKAKI, 2012). Não se parte da premissa de que todos devem ser iguais, contudo, é imprescindível que possamos questionar valores em vez de apenas reproduzir o que é do senso comum: é possível desnaturalizar os ditos e avançar numa reflexão sobre valores, crenças e dispositivos, sem cair na banalização (FREIRE, 2011).

### 3- O processo analítico: discursos e imagens

A partir da leitura da materialidade linguística expressa por Amanda, verifica-se, em diversos momentos, o quanto a cultura de seguir o senso comum pode ser prejudicial. Em seu discurso, nota-se o *bullying* pelo *bullying*, especialmente a partir das redes sociais, em que não se está frente a frente com a vítima; os agressores não medem palavras e produzem um discurso de ódio sem nenhuma empatia pela vida que atingem. Numa situação como essa, a leitura que o agressor faz dos acontecimentos emerge rasa e ingênua, indo de encontro com a proposta do pensar crítico.

Assim, o discurso de Amanda nos permite depreender que a violência virtual pode ser bastante cruel. Segundo consta em seu vídeo, as pessoas não se sensibilizaram com sua demonstração de desespero ao tomar alvejante e, ao contrário, passaram a utilizar essa informação para agredi-la, como no trecho, a seguir: “Depois disso eu voltei para casa eu vi no facebook - ela mereceu isso (...) Eu espero que ela morra. Ninguém ligava.” (tradução nossa). Além do mais, há um julgamento virtual que decorre do exercício da sexualidade, ou seja, há quem acredite que o caráter de uma pessoa está (unicamente) relacionado à sua conduta sexual.

Como ressalta Turkle (1997), há uma cultura da simulação no ambiente virtual que afeta nossa compreensão de mentes e corpos. Isso pode ser relacionado com a capacidade de simulacro existente no ambiente virtual, no qual podemos nos descrever/ comportar da forma que desejarmos, mesmo que não ajamos da mesma maneira na “vida real”<sup>3</sup>. Cogitamos que o ambiente virtual favoreça as práticas agressivas, uma vez que cria simulação da realidade: é como se na Internet houvesse um mundo à parte. Nesse sentido, muitos dos xingamentos e manifestações agressivas são facilitadas no ambiente cibernético, pois o agressor não se encontra frente a

---

3 Ao fazer a separação entre vida real e virtual desejamos apenas ressaltar que é possível criar diferentes realidades no ambiente virtual, já que a principal forma de interação se dá via discurso. Dito de outro modo, um sujeito gordo, baixo e de olhos castanhos pode, no ambiente virtual, se dizer magro, alto e dono de olhos claros.

frente com sua vítima. Além do mais, há a sensação de impunidade, já que sabemos da dificuldade de se localizar um *bullie* virtual, embora também saibamos que há maneiras de se rastrear de onde partem as informações divulgadas na Internet.

Amanda relata: “*Pessoas estavam postando fotos de alvejante e detergente, me marcavam*” (tradução nossa). Fizemos uma busca virtual e encontramos publicações que vão ao encontro do que Amanda expressou, como se pode visualizar na imagem que trazemos, a seguir:

Figura 1: Imagem que revela a prática de *Cyberbullying*.



Fonte: < [https://www.funnyjunk.com/funny\\_pictures/4165161/Clorox+is+super+effective/145](https://www.funnyjunk.com/funny_pictures/4165161/Clorox+is+super+effective/145)>.

Na imagem apresentada, o sujeito faz referência ao fato de Amanda ter mostrado os seios. via *webcam*, ao mesmo tempo em que ironiza e debocha da tentativa de suicídio da jovem ao beber alvejante. Consideramos relevantes as leituras que cada leitor faz acerca do que lhe é apresentado, que também perpassam suas experiências de vida e coletividade. Isso mostra como leitores diferentes fazem interpretações distintas a respeito do mesmo texto. As manifestações de Amanda provocam reações diferentes em distintos sujeitos (leitores). Ao falar em leitor e texto, não nos referimos aos conceitos do senso comum, mas, sim, a um sentido mais abrangente. O leitor é quem interpreta algo (seja um texto escrito, uma imagem, uma fotografia), e o texto se trata do material do qual o leitor depreenderá algo. Menezes de Souza (2011) recorre ao conceito de Genealogia das teorias de Nietzsche e Foucault para demonstrar que esse termo não significa

chegar a uma origem derradeira do significado; significa sim um processo de reconhecimento e análise das produções textuais (no sentido duplo de autoria e leitura de textos) anteriores nas quais um determinado leitor/autor participou ou as quais foi exposto; significa reconhecer que enquanto leitores/autores de textos somos frutos de nossas histórias de leitura/escrita, histórias essas sempre sociais e coletivas (MENEZES DE SOUZA, 2011: 133).

Ao considerar a história, é indispensável ter em vista que o passado interfere na compreensão do presente, e isso ocorre via linguagem. Justamente levando em consideração esse entendimento é que podemos propor algumas leituras a respeito do material produzido por Amanda e seus desdobramentos. Nessa esteira, examinamos que cada sujeito estabelecerá de maneira particular a relação com os acontecimentos.

Nessa relação de humilhação desigual representada pelo *bullying*, os agressores mostram seu poder com palavras de intimidação e encontram nos mais fracos o alvo para a violência, a humilhação, as chacotas e as ameaças. Nos termos de Pêcheux (1975), isso pode ser traduzido como o assujeitamento do sujeito, o que faz “que cada um seja conduzido, sem se dar conta, a ocupar seu lugar em uma ou em outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção” (PÊCHEUX, 1975: 166). Nestes termos, o que funciona, num discurso, é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que, em uma relação de interlocução, os sujeitos atribuem a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu lugar e do outro. Podemos dizer, então, que o discurso sobre o *bullying* é sustentado por uma memória que admite o sentido da diferença, da exclusão e que, de certa forma, “desculpa” os atos de humilhação nestes casos. Sobre memória, encontramos em Pêcheux (1990: 142):

a memória se reporta [...] a um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries de tecidos de índices legíveis, constituindo um corpus sócio-histórico de traços. A memória considerada como corpo / *corpus* de traços inscritos neste espaço, sob formas extremamente variáveis, remete, assim, à noção de memória coletiva.

Na memória coletiva está a garantia de um efeito imaginário de continuidade entre as épocas. É isso que acontece em relação à prática do *bullying*: há um efeito imaginário, sócio-histórico de que os mais fortes, aqueles considerados dentro dos padrões considerados “normais” por uma sociedade, podem submeter, humilhar e excluir os mais fracos, os “diferentes”. Nesse sentido, as imagens e os vídeos aqui analisados reproduzem esse imaginário e o discurso sobre o *bullying*, mesmo que o denunciem.

Vale dizer que Carol Todd, mãe de Amanda, atribui ao *bullying* a responsabilidade pelo suicídio da filha. Contudo, utiliza essa triste passagem de sua vida para auxiliar outras vítimas de *bullying*. Essa maneira de lidar com os fatos é o que pode ser chamado de resiliência, que é a capacidade do indivíduo de “não só sobreviver às adversidades, mas também de conseguir, a partir da adversidade, tirar proveito e se desenvolver, isto é, de mostrar a capacidade de construir-se e reconstruir-se a partir da adversidade” (BENZONI; VARGA, 2011: 370). Estamos convictas de que nem tudo que um adolescente faz passa pelo aval dos pais, portanto, culpar os pais seria uma irresponsabilidade. Do mesmo modo, seria leviano acreditar que todas as pessoas que passam pelo que Amanda passou são levadas ao suicídio. É

preciso considerar a individualidade de Amanda, bem como sua maneira particular de lidar com os fatos. Não há aqui o desejo de encontrar culpados, mas, sim, o de estimular reflexões.

Qualquer leitura que fizermos a respeito dos fatos será ancorada em nossas aprendizagens anteriores, portanto, não estarão isentas de nossos valores. O discurso de/sobre Amanda nos permite interpretar, com base nos fragmentos que nos são apresentados. Em termos gerais, pode-se considerar a importância dos pais (responsáveis) na adolescência “como únicas balizas de que alguma coisa ainda consiste; [...] os pais permitem ao sujeito adolescente a ancoragem nos difíceis momentos de suas próprias pesquisas, mesmo as sexuais” (ALBERTI, 2000: 31). Como dissemos, os pais têm sua relevância, mas isso não significa monitoramento em tempo integral.

Diante dessas considerações, ao pesquisar as imagens de Amanda, apareceram muitas, inclusive montagens. A imagem a seguir foi a que rendeu os maiores julgamentos à Amanda.

Figura 2: Imagem de Amanda em suposta prática de sexting



Fonte: <<https://picsart.com/i/8379352778>>.

Consideramos que a intimidade de alguém não tem relação com a imagem que pode ser capturada por uma câmera fotográfica. Portanto, não nos compete falar sobre o caráter ou a dignidade de Amanda a partir dessa imagem. Para nós, alicerçados em nossas próprias convicções e em nossos valores morais, nos permitimos fazer determinadas leituras. Não há nada de errado em fazer leituras a respeito de uma imagem que se nos apresenta. Entretanto, essas leituras não podem ser encaradas como verdades absolutas, porque decididamente não o são. A perspectiva discursiva traz possibilidades de estímulo a leituras mais críticas, pensando numa pluralidade de sentidos possíveis mas provisórios e instáveis, uma vez que os ditos trazem efeitos de sentido possíveis. Não se pode obrigar alguém a abrir mão das leituras rasas, embora a epistemologia crítica na

qual se insere esta pesquisa nos leve a desconfiar de discursos formatados e generalizantes. O fato é que temos que aprender a nos posicionar frente ao que publicamos e lemos na Internet, na direção de leituras críticas e menos superficiais e naturalizantes. Com efeito, não podemos aplaudir manifestações cruéis e insensíveis, como as que causaram tantos males à Amanda. Tais manifestações escancaram a falta de sensibilidade humana, a falta de afeto nas relações, que extrapolam os limites do bom senso e que demonstram que a sociedade tem prezado o individual em detrimento da ética.

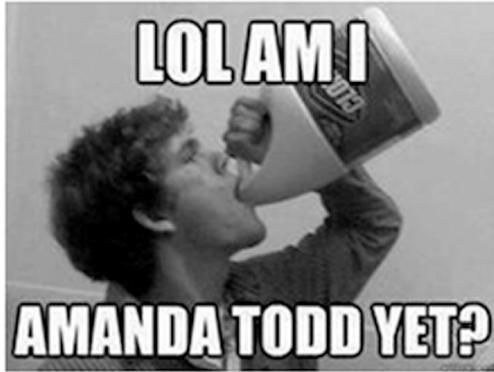
Amanda revela, em seu vídeo, que tomou alvejante numa tentativa de interromper sua vida. Interpretamos que, nesse momento, Amanda já se encontrava com dificuldade de lidar com os conflitos presentes em sua vida. Alguns sentimentos que ela declarou em seu vídeo se encaixam na sintomatologia depressiva da adolescência, como *“fiquei realmente doente e tive ansiedade, depressão e distúrbio do pânico. [...] me envolvi com drogas e álcool. Minha ansiedade piorou [...] ninguém gostava de mim. Eu comecei a me cortar”* (tradução nossa).

Maia Júnior e Turrer (2011) apontam que sentimento de inutilidade, desesperança, persistente falta de interesse e abusos de substâncias lícitas e ilícitas estão entre as principais queixas de adolescentes deprimidos. Como esses sintomas podem ser confundidos com os comuns da adolescência, muitas vezes a família retarda a procura por atendimento profissional, que, frequentemente, somente é requerida após episódios de autolesão ou de tentativa de suicídio. No relato de Amanda consta que as investidas contra si mesma e contra sua vida foram recorrentes: *“Eu queria tanto morrer [...] eu bebi alvejante... Sempre me cortando”* (tradução nossa).

Somos levadas a compreender as autolesões de Amanda como reveladoras de instabilidade emocional e indicadoras de conflitos. Interpretamos, também, que os jovens que contribuíram para o agravamento da fragilidade emocional de Amanda também pudessem ser capazes de refletir sobre suas próprias ações. Amanda conta que, após a tentativa (mal-sucedida) de suicídio, as pessoas *“estavam postando fotos de alvejante e detergente, me marcavam. Eu estava melhorando tanto [...] Ela deveria tentar um alvejante diferente. Eu espero que ela morra dessa vez e não seja tão estúpida”* (tradução nossa). Esse trecho de seu relato estimula a reflexão acerca da autocritica, que seria um caminho para que as pessoas pudessem compreender que há limites (tanto jurídicos como tácitos) para o que é aceitável no âmbito das relações sociais.

Os jovens *bullies* possivelmente desconhecem o que seja empatia, ou seja, *“a capacidade de considerar e respeitar os sentimentos alheios. É a habilidade de se colocar no lugar do outro, ou seja, vivenciar o que a outra pessoa sentiria caso estivessemos na situação e na circunstância experimentadas por ele”* (SILVA, 2008: 73). Prosseguindo, apresentamos outra imagem que ironiza a tentativa de suicídio de Amanda.

Figura 3: Imagem que revela a prática de Cyberbullying.



Fonte: <[https://www.funnyjunk.com/funny\\_pictures/4165161/Clorox+is+super+effective/145](https://www.funnyjunk.com/funny_pictures/4165161/Clorox+is+super+effective/145)>

Nessa imagem, os jovens satirizam as dificuldades vivenciadas por Amanda. Considerando a forma com que banalizam a situação, é possível que não façam ideia do estado emocional em que Amanda se encontrava quando bebeu alvejante. Ao fazerem tal referência, podemos interpretar a falta de empatia e de afeto desses jovens, o que vem confirmar a prática do *cyberbullying*: “utilizam [...] os mais atuais e modernos instrumentos da internet [...] com o [...] intuito de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas” (SILVA, 2010: 126).

Entendemos que a prática de *cyberbullying* diz muito mais a respeito do agressor (*bullie*) do que da própria vítima, uma vez que esses indivíduos se apoiam em fraquezas ou dificuldades de suas vítimas, tornando suas vidas ainda mais difíceis. É um divertimento ancorado no sofrimento humano; não podemos, portanto, desconsiderar que “os *bullies* virtuais sejam [...] os verdadeiros covardes mascarados de valentões, que se escondem nas redes de ‘esgoto’ do universo fantástico dos grandes avanços tecnológicos da humanidade” (SILVA, 2010: 126). Uma pessoa pode ser alvo de mais uma categoria de agressão e, geralmente, é. Vejamos o caso de Amanda: foi atacada virtualmente, agredida na escola, excluída e alvo de chacotas. Mesmo diante de todo seu desespero, muitos indivíduos não perceberam que já haviam excedido o limite; se perceberam, não se importaram. A convergência de diversas práticas de *bullying* elevam as possibilidades de que a vítima se veja numa situação de exclusão intensa e traumática.

Interpretamos que o que levou Amanda ao suicídio não foi unicamente o fato de ter sido vítima de *sextorsión* (expressão espanhola que se refere a chantagens decorrentes de imagens com caráter sexual/íntimo). Além de sua fragilidade emocional, o *cyberbullying* foi crucial para que se chegasse ao ocorrido. Silva (2008) afirma que um psicopata é incapaz de sentir emoções, ou seja, não possui a capa-

cidade de sentir remorso pelos seus atos destrutivos. Diante disso, podemos dizer que todos os jovens praticantes das variedades de *bullying* possam ser considerados psicopatas? Arriscamos dizer que esses jovens não possuem qualquer disfunção que permita considerá-los psicopatas. São pessoas “normais” que aderiram à cultura psicopatizante que tem regido nossa sociedade. Desse modo, buscam o prazer imediato e desconsideram os sentimentos alheios. Quando afirmamos que não possuíam empatia, não foi no sentido de serem incapazes de ter emoções, mas na esteira de se preocuparem demais consigo mesmos, numa atitude extremamente individualista.

Ponderamos que tanto as ações de Amanda quanto as práticas de *bullying* envolvem a questão da autonomia, considerada por Oliveira e Paiva (2005) como um construto tanto individual quanto social. Para a autora, “a *autonomia* é parte importante do processo de aprendizagem, pois, é ela que faz com que o aprendiz seja o agente de sua própria aprendizagem” (OLIVEIRA E PAIVA, 2005: 140). O sujeito é entendido como parte do processo de aprendizagem, não como um ser passivo, que apenas recebe. Especialmente no ambiente virtual, o sujeito atua como aprendiz ao mesmo tempo em que promove mudanças em outros sujeitos, a partir de suas ações. Por isso, trazemos a relevância do desenvolvimento do *ser crítico*, já que isso implica se reconhecer como parte da sociedade na qual se está inserido e gerenciar a possibilidade de nela impactar. Nossas práticas discursivas não são neutras e envolvem escolhas ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos na sociedade contemporânea (ORLANDI, 2009).

Levando em consideração nossa capacidade de impactar na sociedade na qual estamos inseridos, problematizamos as práticas que envolvem a intimidade de cada sujeito. Apoiamos nosso pensamento nos estudos de Mariani (1998), quando a autora fala em práticas sociais de fixação da memória, nas quais se encontra entrelaçado aquilo que deve cair no esquecimento, pois o retorno de um sentido silenciado ou a irrupção de um novo sentido pode causar uma ameaça ao que já está estabelecido (PÊCHEUX, 2011). Nessa esteira, no jogo das relações de forças sociais, não deixar um sentido ser esquecido, formulando-o, é uma forma de eternizá-lo. Para nós, a formulação do discurso sobre o *bullying* não deixa ser esquecido o sentido sedimentado historicamente de que os mais fortes dominam e humilham os mais fracos.

## Considerações finais

Este estudo apresentou uma análise sobre o *(cyber)bullying*, mostrando como essa prática discursiva pode alterar as relações sociais com a participação de pessoas no uso das tecnologias da informação. Entendemos que, na internet, mensagens com imagens e comentários depreciativos se alastram rapidamente e tornam o *bullying* mais perverso e o *sexting* mais arriscado. Como o espaço virtual é ilimitado,

o poder de agressão se amplia, e a vítima se sente acuada mesmo fora da escola e do ambiente familiar. O pior é que, muitas vezes, ela não sabe de quem se defender.

Nessa esteira, procuramos mostrar a construção dos efeitos de sentido do discurso e, assim, buscar os efeitos de verdade que emergem da opacidade do discurso e de sua “pretensa neutralidade” (FOUCAULT, 2014), para, desse modo, entender a configuração discursiva da representação identitária que a escritura de si constrói acerca da exclusão no bojo da internet; no caso estudado, uma exclusão tão acentuada que levou Amanda Todd às últimas consequências, tornando sua existência insuportável.

Todos que convivem com crianças e jovens sabem como eles são capazes de praticar pequenas e grandes perversões. Debocham uns dos outros, criam os apelidos mais estranhos, reparam nas mínimas “imperfeições”. Na escola, isso é bastante comum. Implicância, discriminação e agressões verbais e físicas são muito mais frequentes do que o desejado. Esse comportamento não é novo, mas a maneira como pesquisadores, médicos, psicólogos e professores o encaram vem mudando. Há cerca de 15 anos, essas provocações passaram a ser vistas como uma forma de violência e ganharam nome: *bullying* (palavra do inglês que pode ser traduzida como “intimidar” ou “amedrontar”). Sua principal característica é que a agressão (física, moral ou material) é sempre intencional e repetida várias vezes sem uma motivação específica.

Mais recentemente, a tecnologia deu novo teor ao problema. E-mails ameaçadores, mensagens negativas em sites de relacionamento e torpedos com fotos e textos constrangedores para a vítima foram batizados de *cyberbullying*. Aqui, no Brasil, vem aumentando rapidamente o número de casos de violência desse tipo. Diante do processo analítico deste texto, é possível afirmar que esse tormento permanente que a internet propicia faz com que o adolescente humilhado não se sinta mais seguro em lugar algum, em momento algum: sua intimidade surge invadida, todos podem ver os xingamentos, e não existe fim de semana ou férias, na comparação com o *bullying* presencial, cujas sequelas também causam danos psicológicos às vítimas.

De acordo com o que foi exposto, a humilhação é uma das experiências da impotência diante dos dizeres e imagens que ironizam e machucam. Ser humilhado é ser atacado em sua interioridade, ferido em seu amor próprio, desvalorizado em sua autoimagem, é não ser respeitado. O humilhado se vê e se sente diminuído, espoliado em sua autonomia, na impossibilidade de elaborar uma resposta, atingido em seu orgulho e identidade, dilacerado entre a imagem que faz o acontecimento do discurso, de filiações e de rupturas de si e a imagem desvalorizada ou difamante que os outros lhe infligem.

Por fim, a análise do discurso sobre o *bullying*, que não pretendeu ser exaustiva, nos mostra que o ciberespaço pode ser lugar de reprodução dos sentidos, mas pode ser também o espaço da denúncia, da voz contrária (TAKAKI, 2012). O espaço virtual dá vez e voz ao humilhado e nos possibilita vê-lo produzir um discurso diferente daquele estabelecido pelo discurso hegemônico, que exclui, rotula e humilha os “diferentes”. Pela circulação do discurso na internet, revelam-se novos processos de construção da subjetividade, que esperam outras pesquisas e reflexões.

## Referências

- ALBERTI, Sonia. **O adolescente e o outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BENZONI, S.A.G; VARGAS,C.R.R. “Uma análise de artigos sobre resiliência a partir de uma leitura Kleiniana”. **Psicologia em estudo**, Maringá, vol. 16, n. 13, jul/set 2011, p. 369-378.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Trad. Mana Ermantina Galvão. São Paulo: Martins fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, [1975], 2002.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade** vol 1: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011
- MAIA JUNIOR, H.; TURRER, R. “Oxi, uma droga ainda pior”. **Revista Época**. 2011. Disponível em. Acesso em: 20 Mar. 2012 às 21h.
- MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa; os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Campinas: Editora Unicamp, Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- MENEZES DE SOUZA, Lynn M. T. “Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de Significação”. In: MACIEL, Ruberval Franco; ARAUJO, Vanessa de Assis (Orgs.) **Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas**. Jundiaí: Paco, 2011.
- OLIVEIRA E PAIVA, V.L. M. “Autonomia e Complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem”. In: Freire, M. M; Vieira Abrahão, M.H; Barcelos, A.M.F. (orgs) **Linguística Aplicada e Contemporaneidade**. São Paulo: ALAB; Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2009, 100 p.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. “A propósito da Análise Automática do Discurso”. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora Unicamp, [1975] 1990.

PÊCHEUX, Michel. “Papel da memória”. In: ACHARD et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. “Leitura e Memória: projeto de pesquisa”. In: **Análise de Discurso - Michel Pêcheux, textos selecionados**. Tradução de Tania Clemente de Souza. Campinas, SP: Pontes, 2011, p. 141-150.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. 4. ed. São Paulo: Experimento, 2003.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

\_\_\_\_\_. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

STELKOPEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. “Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente”. **Revista Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 4556, 2010.

TAKAKI, Nara H. **Letramentos na sociedade digital: navegar é e não é preciso**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

TURKLE, Sherry. **La vida en la pantalla**. La construcción de la Identidad en la era de Internet. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.